

XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013)  
**GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

Comunicação Oral

**SOBRE A MIGRAÇÃO DE CONCEITOS: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA**

Ana Amélia Lage Martins – UFMG  
Alcenir Soares dos Reis – UFMG

**Resumo**

O artigo discute o fenômeno da “migração de conceitos”, prática a cada dia mais frequente no âmbito das ciências denominadas inter e transdisciplinares, com enfoque na Ciência da Informação. Assinala que o movimento de transposição conceitual implica na intervenção sobre um complexo de fatos e de sistemas relacionais e na atribuição de novos sentidos a conceitos que têm sua gênese ligada a contextos e campos específicos, o que faz com que o conceito tomado de empréstimo signifique, muitas vezes, fenômenos diversos, quando colocados em diferentes sistemas referenciais. Aponta a composição terminológica híbrida que tem assinalado a Ciência da Informação, derivada de empréstimos obtidos junto a diferentes disciplinas, como a sociologia, a economia, a ciência da computação e a administração. Reflete, assim, de que modo a migração de conceitos pode implicar em controvérsias, contradições e equívocos que acabam por alocar determinados termos em uma “nebulosa”, dificultando a sua apreensão e sua localização, ou até mesmo por ocasionar a diluição de sua especificidade.

**Palavras-chave:** Migração de conceitos. Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade.

**MIGRATION OF CONCEPTS: A NECESSARY DISCUSSION**

**Abstract**

The article discusses the phenomenon of “migration of concepts”, which is a practice increasingly frequent in the field of interdisciplinary sciences with a focus on Information Science. It points out that the movement of conceptual transposition implies an intervention on a complex of facts and relational systems, and on the attribution of new meanings to concepts that have their genesis connected to specific contexts and fields. That often leads the borrowed concept to express different phenomena when placed in different referential systems. The article also points to the irregular and hybrid terminological composition that has marked Information Science, derived of borrowing from different subjects, such as sociology, economy, computer studies and management. It reflects, therefore, how the migration of concepts may result in controversies, contradictions and misunderstandings that end up allocating certain terms in a “nebula” hindering its apprehension and its location, or even resulting in the dilution of its specificity.

**Keywords:** Migration of concepts. Interdisciplinarity. Transdisciplinarity

## **1 INTRODUÇÃO**

A temática da interação entre as disciplinas, dos espaços de fronteiras, da conjunção e interpenetração de abordagens teóricas e metodológicas vem ocupando espaço nas discussões relativas à produção do conhecimento, sobretudo nas ciências sociais e humanas há alguns anos.

Nestes enfoques, a migração e a apropriação de conceitos de um domínio de conhecimento para outro é um exercício frequente em todos os campos científicos que encaminham práticas de análises cruzadas: aquelas de caráter inter e transdisciplinares.

Esta discussão está circunscrita em um panorama maior de contestação do modelo de racionalidade desenvolvido pela ciência moderna, responsável por promover uma acentuada especialização, disciplinarização e fragmentação do conhecimento, que começam a ser postas em xeque a partir do século XX.

A partir das limitações inerentes à ultra especialização do conhecimento e da complexidade dos problemas trazidos com as transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea, inúmeros pensadores como Santos (2004, 2007), Nicolescu (1999, 2002, 2003), Domingues (2005), dentre outros vêm sinalizando a necessidade de uma efetiva interação entre diferentes campos disciplinares na produção do conhecimento científico, como modo de superar o hiato proporcionado pelo modelo da racionalidade dominante. Neste cenário emergem as experiências inter e transdisciplinares- cujas particularidades não serão abordadas aqui, tendo em vista a complexidade do assunto e a ampla bibliografia já existente na Ciência da Informação brasileira e outras ciências acerca do tema- que adotam, entre outros procedimentos, a prática da migração de conceitos de um campo para outro.

## **2 A MIGRAÇÃO DE CONCEITOS**

Ainda que com diferenças bem marcadas, nota-se que nas diversas abordagens trans e interdisciplinares ganha relevo a prática da migração, apropriação, incorporação e tradução de conceitos, estes agora fluidos pelas fronteiras permeáveis dos campos científicos que orientam práticas inter e transdisciplinares.

além de sugerir a ideia de movimento, da frequência das disciplinas e da quebra de barreiras, a transdisciplinaridade permite pensar o cruzamento de especialidades, o trabalho nas interfaces, a superação das fronteiras, a migração de um conceito de um campo para outro, além da própria unificação do conhecimento. (Domingues et al, 2001, p.18)

A transposição de conceitos é vista mesmo como uma das características que assinala a natureza dos procedimentos e abordagens transdisciplinares, na medida em que estes que trabalham com:

processos que incitam à migração de conceitos, à frequência exploratória de outros territórios, ao diálogo modificador com o diverso e o de outra forma, processos que não se esgotam na partição de um mesmo objeto entre disciplinas diferentes, prisioneiras de pontos de vista singulares, irreduzíveis, estanques, incomunicados (Silva, 2001;p.36).

A experiência interdisciplinar, por seu turno, se caracterizaria também pela:

aproximação de campos disciplinares diferentes para a solução de problemas específicos, especialmente através do compartilhamento de metodologias e a migração de conceitos (Tálamo *apud* Domingues, 2005, p.124).

De acordo com Dumont e Bruno (2003) o “paradigma emergente”, aquele que contesta o estatuto do conhecimento científico clássico, aponta para:

o conhecimento local; conhecimento como construção; conhecimento além das evidências empíricas; ciência como construtora de processos sociais; cultura como construída por processos sociais; texto científico transdisciplinar (intertemático); metodologia plural de natureza complementar; incentivo à migração de conceitos e teorias. (Dumont; Bruno, 2003, p.32).

Edgar Morin, um dos críticos argutos da fragmentação e ultra-especialização do conhecimento, vê a prática da migração de conceitos como um dos pilares essenciais na busca pela reforma do pensamento fraturado pela disciplinarização.

Para Morin (2005) a migração de conceitos é um exercício que sempre aconteceu no interior das ciências, sendo a própria história da ciência erigida pela migração de conceitos, pelo uso de metáforas.

Sobre isso, assegura-nos:

os conceitos viajam e é melhor que viajem sabendo que viajam. É melhor que não viajem clandestinamente. É bom também que eles viajem sem serem percebidos pelos aduaneiros! De fato, a circulação clandestina dos conceitos ao menos permitiu às disciplinas respirar, se desobstruir (Morin, 2005, p. 117).

Almeida (2004), antropóloga que se dedica a estudar o autor, indica as duas principais ferramentas utilizadas por Morin na elaboração de seu “pensamento complexo”:

migração conceitual de um domínio para outro, o que garante a ressignificação e ampliação de conceitos e noções, originariamente disciplinares e a construção de metáforas, que permitem religar homem e mundo; sujeito e objeto; natureza e cultura; mito e logos; objetividade e subjetividade; ciência, arte e filosofia; vida e idéias. A partir desse metier, melhor dizendo, dessas ferramentas, Morin tem, sobretudo a partir dos anos 1970, formulado incansavelmente os argumentos, as premissas e os fundamentos de uma ciência nova - fundamentos, premissas e argumentos que devem alimentar uma reforma do pensamento. (Almeida, 2004, p. 4)

Domingues (2005) entende a migração de conceitos como “a possibilidade de transposição de conceitos metalingüísticos de um campo para outro(s), podendo resultar em novas condições de significação e aplicação” (Domingues, 2005, p. 102).

Este movimento de transposição implica na atribuição de novos sentidos a conceitos que têm sua gênese ligada a contextos e campos específicos e que recebem novos contornos ao serem apropriados, ou seja, tornados próprios.

Isto porque a migração assinala uma passagem, a transposição de um lugar ao outro, conforme Araújo (2009) nos indica:

migração é um conceito da geografia, designando, como se sabe, o movimento de populações que, levando consigo uma cultura e uma história, vão construir outras culturas e histórias na interface com as da sociedade que as acolherá. O sentido de migração de conceitos, portanto, traz consigo a gênese da palavra migração, com sua predestinação ao novo, ao outro (Araújo, 2009, p.42).

Os conceitos, por seu turno, compreendem “construções lógicas, estabelecidas de acordo com um quadro de referências que adquirem seu significado dentro do esquema de pensamento no qual são colocados” (Mendonça, 1983, p. 17).

De acordo com esta autora, cada ciência usa seus próprios conceitos para a comunicação de seus conhecimentos. O sistema teórico de uma ciência pode ser referido como um sistema de conceitos que, por meio de um dispositivo conceitual, busca representar um dado fenômeno ou aspectos do mesmo, o que empreende um processo de conceituação. O emprego de tal processo, segundo a autora, é o espelhamento, através

dos conceitos, do que sucede no mundo dos fenômenos existenciais, simplificando, assim, o pensamento, ao dispor alguns acontecimentos sob o mesmo título geral.

A formulação conceitual tem a função de expressar uma abstração formada pela generalização a partir de particulares e, por isso, requer que se utilize o termo mais adequado que exprima, por meio do seu significado, o que ocorre na realidade empírica.

Assim, um termo pode referir-se a fenômenos diferentes conforme o contexto histórico no qual se articula.

Em face deste caráter, é necessário que o conceito seja dotado de lógica interna com significações que lhe confirmem clareza e inteligibilidade, para que possa ser empregado na elaboração de modelos científicos que permitam a observação, a descrição e a interpretação de objetos teóricos e empíricos de um campo de conhecimento, bem como fenômenos presentes, passados e futuros a ele concatenados (GALVÃO, 1998).

Para Domingues (2005) o exame sobre o papel dos conceitos em determinados sistemas e campos conceituais deve levar em conta a avaliação de duas dimensões: a) uma que apure o modo de operação desse conceito como instrumento de nomeação, de descrição, de cálculo, de explicação e de demonstração de dados no interior do sistema onde foi fundado e; b) outra que leve em conta estes mesmos pontos, mas que saliente também as conseqüências advindas do processo de transposição de um campo para outro.

O conceito tomado de empréstimo pode, muitas vezes, significar fenômenos diversos, quando colocados em diferentes sistemas referenciais. Isto porque ao ser utilizado em novo quadro de referência, todo conceito científico gradualmente perde o significado que originalmente lhe havia sido conferido (Domingues, 2005).

O autor assinala que em decorrência de um conceito transposto poder conservar a originalidade de seu sentido, as condições de significação devem ser menos deformadas do que as condições para a sua aplicação, ainda que se trate de duas perspectivas nem sempre sujeitas a uma clara distinção. Neste sentido, a aplicação pode exigir um formato próprio, em se tratando de um novo objeto, de um novo sistema para se efetivar. Ou seja:

quando vírus migra da biologia para a informática- talvez umas das metáforas conceituais mais simétricas- ajustes no processo de sua significação podem ocorrer, mas com certeza não exibirão mudanças profundas a ponto de virem a se constituir em um outro conceito. Por exemplo, o fato de ser um agente que

age sobre um organismo (sistema) com propensões nocivas, não exclusivamente, pode apresentar contornos diferentes em um e outro caso. Quanto à sua aplicação, já que se trata de um outro objeto e em razão do novo ambiente em que o termo vai operar, os ajustes podem apresentar um teor mais incisivo. A função que desempenha os componentes de sua estrutura, certas propriedades descritivas devem ser alvo de um ajuste mais profundo, já que nem todos os padrões de sua composição são adequados a uma aplicação múltipla (Domingues, 2005, p.103).

O fato de um conceito transposto causar localmente algum tipo de “contaminação” nos outros conceitos ou operações a ele adjacentes é chamado pelo autor de *disseminação de sentido*.

O exemplo oportuno do conceito *virus* indica que a migração gerou um efeito irradiador à medida que implicou uma contigüidade conceitual como infecção viral, ciclo de infecção, antivírus, novo vírus, inoculação, dentre outros que foram tornados exequíveis para o funcionamento de um novo campo conceitual. Migração e disseminação compreendem, pois:

dois movimentos que operam de modo complementar: enquanto o primeiro- migração- justifica a transposição material de elementos de um campo para outro, o segundo –disseminação- evidencia os efeitos sobre formulações locais que essa transposição pode ocasionar (Domingues, 2005, p.103).

A correlação entre migração e disseminação não assegura, de acordo com Domingues (2005), o quanto se deve compreender a disseminação, enquanto propagadora de outros aspectos de significação.

Um uso apropriado de determinado conceito importado de um campo específico implica na avocação de uma dimensão explicativa para outros aspectos daquele campo, já que a concepção primária que o conceito revela deve estar embutida em diferentes particularidades do objeto em análise. Em referência a este aspecto, Domingues (2005) demonstra:

o conceito de caos não foi importado para nenhum campo, sem que o objeto em consideração não estivesse envolvido em conexões que deixassem transparecer, ao menos, algumas dimensões a que se aplica a ideia momentânea de ordem, de controle, de previsão, em geral (Domingues, 2005, p. 104-105).

Desse modo, da migração de um conceito decorre uma intervenção sobre um complexo de fatos e de sistemas relacionais atrelados a ele.

Domingues (2005) salienta ainda que migração e disseminação são fenômenos atinentes a quaisquer atividades que impliquem em uso de termos. Para o autor, um determinado conceito pode ter sido gerado como explicação de um determinado fato, em um determinado contexto, o que, todavia, não o priva de se estender a aplicações ulteriores e de ser validado em outros contextos.

Assim, ao inserir-se em nova rede conceitual, o conceito é redefinido, ao mesmo tempo em que carrega consigo a memória da sua procedência, conforme acentua-nos Silva (2001).

O que talvez merecesse ser mencionado é que uma das primeiras características sedutoras, mas perigosas, explicitadas pelo processo de cruzamento entre os enfoques disciplinares, foi certamente o das implicações da circulação metafórica dos conceitos. Quando um conceito é arrancado do seu discurso original e caminha nômade e livre pelo mundo, rompem-se os laços que o definiam, e ele perde a precisão que o configurava. Ao inserir-se em um território novo, ao ser colhido em um novo jogo de relações, ele porta a memória de sua origem, ao mesmo tempo em que se redefine pela nova rede que o situa. Ao se instalar ali e recriar a sua vida social, se relacionar com outros de outra forma, em sua redefinição, ele gera simultaneamente novos efeitos de sentido (Silva, 2001, p. 40).

A trajetória do conceito de energia é emblemática neste aspecto. Inaugurado por Young no âmbito da Física, em 1807, na Inglaterra, foi tomado por Meyer e Helmholtz nos estudos da fisiologia. Em seguida, Freud o redescobriu e compôs o conceito de “energia livre”, inserindo-o numa rede que a fez significar exatamente o contrário do que significava na ciência física de onde ele advinha (Domingues, 2001).

São inúmeros os exemplos de conceitos que transitam por campos de conhecimentos distintos, sofrendo uma reorganização semântica, contextual e, portanto, conceitual.

Alguns deles podem ser vistos percorrendo o vasto universo das fluidas fronteiras disciplinares do campo da Ciência da Informação.

### **3 A MIGRAÇÃO DE CONCEITOS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Na Ciência da Informação, a prática de migração, incorporação e apropriação de conceitos de outras disciplinas tem sido historicamente legitimada pelo discurso, de certo modo consensual, sobre a interdisciplinaridade deste campo científico. Há, entre os

autores, uma representação bastante sedimentada acerca do caráter interdisciplinar da área e de seu objeto, que vem sendo reiterada por diversos pesquisadores no transcurso dos anos.

Almeida (2005) em seu trabalho de dissertação sobre o discurso coletivo dos pesquisadores em Ciência da Informação<sup>1</sup> a respeito da área mostra que a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação opera de modo significativo nas representações produzidas pelos autores brasileiros relativas ao campo. Para estes:

o campo da Ciência da Informação é composto pelo conjunto de teorias, pressupostos, questões, metodologias, autores, veículos nacionais e internacionais (congressos, revistas etc), autores, escolas, organismos transnacionais, associações nacionais e internacionais, dentre outros elementos reconhecidos, lidos e freqüentados pelo conjunto dos pesquisadores, estudantes e profissionais que nele atuam. O campo dedica-se ao estudo teórico, metodológico e aplicado dos fenômenos que envolvem a geração, a organização, a recuperação e o uso da informação registrada. É a abordagem científica e interdisciplinar do fenômeno informação, na construção de conceitos, princípios, métodos, teorias e leis e nas suas aplicações tecnológicas, ou seja, é o campo de estudos da Informação em base científica (Almeida, 2005, p.297).

Na literatura do campo, encontram-se inúmeras referências que evidenciam a Ciência da Informação como uma ciência de relações interdisciplinares, bem como explicitam as afinidades engendradas por ela.

Dentre os principais teóricos que defendem as relações transversais e conjugadas com outras disciplinas estão:

- Le Coadic (1996): menciona a psicologia, a lingüística, a sociologia, a antropologia, a informática, a matemática, a lógica, a estatística, a economia, o direito, a política, a eletrônica, as telecomunicações, a filosofia, a epistemologia e a história como as principais áreas que estabelecem um diálogo fronteiriço com a Ciência da Informação.
- Saracevic (1996): designa a biblioteconomia, a ciência da computação, as ciências cognitivas e a comunicação como disciplinas basilares a figurarem como interlocutoras do campo.
- Hjørland (2000): aponta a ciência da computação, a comunicação, a epistemologia, a lingüística, a matemática, a estatística, a psicologia e a

ciência cognitiva, os estudos da ciência, a semântica, a semiótica e a sociologia como as principais relações interdisciplinares instituídas.

- Pinheiro e Loureiro (1995): defendem que as principais relações interdisciplinares da Ciência da Informação se dão com biblioteconomia, arquivologia, museologia, informática, administração, estatística, economia, comunicação, jornalismo científico, história da ciência, filosofia da ciência, filosofia, epistemologia, antropologia, sociologia, educação, história, sociologia da ciência, lingüística, psicologia e matemática.

Para Pinheiro e Loureiro (1995), a Ciência da Informação se configura como “área do conhecimento autônoma e com seu próprio estatuto científico cuja natureza interdisciplinar é evidenciada com distintos campos interdisciplinar” (Pinheiro, Loureiro, 1995, p.2).

Buscando mapear os desdobramentos disciplinares da Ciência da Informação, Pinheiro (2003) estabelece que as considerações acerca do caráter interdisciplinar do campo deram-se a partir da década de 1960. Para a autora, a natureza interdisciplinar do campo foi “reconhecida” pelos autores, o que ratifica a característica interdisciplinar como algo imanente à Ciência da Informação.

De acordo com ela, o primeiro momento de apreensão da nuance interdisciplinar da Ciência da Informação, “fase conceitual e de reconhecimento interdisciplinar”, deu-se entre 1961-1969, sobretudo com os trabalhos de Borko (1968), que alocou a interdisciplinaridade em sua própria definição conceitual do campo.

De 1970 a 1989 tem-se a “fase de delimitação do terreno epistemológico” na qual sobressaem os trabalhos de Harmon (1971), Foskett (1973), Wersig e Nevelling (1975) e Yuxiao (1988), todos eles destacando as principais disciplinas com as quais a Ciência da Informação mantém conexões. Para Wersig e Nevelling (1975), por exemplo, os campos de conhecimento que mais estabelecem interfaces disciplinares com a Ciência da Informação são: matemática, lógica, filosofia da ciência, gramática transformacional, psicologia, sociologia e ciência política.

Para Saracevic (1996) a Ciência da Informação- campo que se dedica às questões científicas e à prática profissional voltadas para a comunicação do conhecimento e seus registros- teve, em sua formação e no decurso de seu desenvolvimento, a contribuição de diferentes profissionais como engenheiros, administradores, linguistas, filósofos, psicólogos, bibliotecários e químicos, fato que corroborou com sua formatação interdisciplinar.

Por sua perspectiva, as principais contribuições disciplinares para a constituição da Ciência da Informação foram provenientes da Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Cognitiva (em que se inclui a Inteligência Artificial) e Comunicação.

Em seu emblemático texto “*Ciência da Informação: origem, evolução e relações*”, publicado originalmente em 1991, o autor trabalha três premissas principais: a) a Ciência da Informação é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando; b) a evolução interdisciplinar está longe de ser completada; c) a Ciência da Informação está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação, sendo o “imperativo tecnológico determinante da C.I.” (Saracevic, 1996, p.42).

Devido à complexidade do objeto informacional, a Ciência da Informação é situada por Saracevic (1996) em um terreno fronteiro, onde se encontram e se tangenciam diferentes campos e domínios do saber.

Partindo da consideração de que o objeto de estudo da Ciência da informação requer diferentes abordagens advindas de áreas do conhecimento distintas, a prática de deslocar conceitos pode ser vista no campo pela identificação de incorporações de diferentes termos derivados tanto da filosofia, quanto da economia, administração, comunicação, lingüística, ciência da computação e sociologia.

Galvão (1998) indica que no percurso histórico da Biblioteconomia e da Documentação, campos seminais da Ciência da Informação, conceitos e denominações oriundos de outras ciências ou disciplinas foram introduzidos e/ou adaptados com o objetivo de se conquistar soluções para problemas práticos. Assim:

importaram- se conceitos e denominações de algumas teorias da administração, da lingüística, da lógica, da comunicação e de outras áreas. Porém, visando-se a um uso imediato desses conceitos e denominações, não houve compreensão/problematização dos conceitos metodológicos e

conceitos descritivos e um questionamento sobre as implicações do uso de conceitos e denominações provenientes de diferentes áreas do conhecimento. (Galvão, 1998, p.51)

Ilustrando tal panorama a autora menciona a administração, da qual foram importados inúmeros conceitos da teoria clássica, e a lingüística, de onde se transportaram conceitos da teoria dos campos conceituais. Para ela, este movimento conduziu a biblioteconomia e a documentação a: a) formação de conceitos descritivos conciliáveis com os conceitos metodológicos de origem, mas que, com o decorrer do tempo, tornaram-se desatualizados em relação ao estado-da-arte tanto da administração, quanto da lingüística; b) elaboração de conceitos descritivos conflitantes com os conceitos metodológicos de origem; c) em consequência dos itens a e b, nos momentos em que a biblioteconomia e documentação intentaram atualizar os conceitos descritivos que utilizam, não lograram êxito devido à carência de conceitos metodológicos internos à área.

A partir da importação de conceitos e denominações originárias de outras ciências, a Ciência da Informação, por sua vez, procurou uma justificativa “científica” para a sua atividade prática, adotando, muitas vezes, uma postura eclética (Galvão, 1998).

Tal postura pode ser entendida a partir de Oliveira Filho (1995) que define o ecletismo como:

o uso de conceitos fora dos seus respectivos esquemas conceituais e sistemas teóricos, alterando os seus significados. A ocorrência do termo, sem definição que reduzisse ou eliminasse a sua ambigüidade, não permitiria saber a qual de vários conceitos possíveis está associado. Inadvertidamente, muitas vezes, utiliza-se o sinal que expressa o conceito, mas não o próprio conceito. O discurso torna-se vazio ou obscuro sem que o cientista social perceba que a sua linguagem pode dificultar a comunicação. Se tal ocorrência é grave em nível da teoria, será gravíssima em nível metateórico ou meta-sociológico. Neste caso, os conceitos metodológicos desprovidos de suas características limitar-se-ão a nomeações e classificações rituais de postura sem qualquer influência nas estratégias de investigação, o que é comum em textos produzidos por autores desprovidos de treinamento metateórico. Termos vazios de significado não podem funcionar como instrumentos de reconstrução teórica ou metodológica. (Oliveira Filho, 1995 *apud* Galvão, 1998, p.51)

Para Galvão (1998), ao se posicionar em muitas ocasiões de forma eclética, importando conceitos e denominações oriundos de outros domínios, a área de Ciência da

Informação não institui uma ruptura epistemológica necessária para a constituição de um arcabouço conceitual próprio.

Smit, Tálamo e Kobashi (2003) fazem uma leitura aproximada à da autora supracitada, a partir da investigação de critérios científicos que pautaram a constituição do campo da Ciência da Informação.

Há, segundo as autoras, uma assertiva bastante habitual com relação à configuração do campo científico que aponta a constituição da área nos espaços fronteiros de disciplinas como a Lógica, a Administração, a Lingüística, a Teoria Geral dos Sistemas, a Psicologia, as Ciências da Computação etc.

Tal postura, fortemente arraigada na bibliografia<sup>ii</sup>, associa a apregoada interdisciplinaridade da área a uma junção de diferentes disciplinas, “revelando uma inconsistência teórica, associando à área uma abordagem a-histórica” (Smit; Tálamo; Kobashi, 2003, p.3).

Em pesquisa<sup>iii</sup> conduzida pelas autoras, há o pressuposto mesmo de que o termo “Ciência da Informação” propõe-se como uma forma vazia conceitualmente, podendo ser preenchida de forma circunstancial. Isto porque segundo elas:

o termo não se define pelo que é, mas pelas possíveis apropriações que realiza em campos do saber, estabelecidas, via de regra, por associações dependentes do problema investigado. Desse modo, se a questão é de usuário recorre-se à Psicologia, se é de informática documentária recorre-se à Informática, se é de administração de sistemas, recorre-se à teoria da Administração, e assim sucessivamente (Smit; Tálamo; Kobashi, 2003, p. 3).

A crítica endereçada a área da Ciência da Informação assenta-se na perspectiva de que o campo apoiou-se na interdisciplinaridade, em consonância com a proposta científica da pós-modernidade, sem se ater ao seu próprio percurso disciplinar, ou seja, sem refletir criticamente sobre sua própria trajetória de constituição disciplinar.

Disto resulta, segundo as autoras, uma sentida ausência de especificidade e de demarcação conceitual das denominações que se produziram da e na área.

Assim, a Ciência da Informação tem sido assinalada por uma composição terminológica irregular e híbrida, derivada de empréstimos obtidos junto a diferentes disciplinas, como a sociologia, a economia, a ciência da computação e a psicologia, o

que, estimula não apenas o impasse, mas corrobora com o atraso teórico do campo (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003).

A partir de um levantamento terminológico da Ciência da Informação, por meio da análise e síntese de 15 obras de referência e 25 fontes bibliográficas da área, as autoras procederam à elaboração de fichas terminológicas buscando um ensaio categórico das noções da área, que se dividiram em:

- 1) noções específicas da área;
- 2) noções da área, semi-elaboradas;
- 3) noções tomadas de empréstimo de outras áreas do conhecimento;
- 4) noções da experiência empírica comum, ou seja, noções gerais da língua.

#### *Noções específicas da área, sedimentadas ao longo do tempo.*

De acordo com as autoras, nesta categoria inserem-se as noções que nomeiam os procedimentos e componentes tradicionais da Biblioteconomia, como “classificação”, “biblioteca”, “resumo” e “análise documentária”. Para elas, embora estas concepções exibam estabilidade em seu conceito inclinando-as a certa tendência unívoca, observa-se que as mesmas, usualmente, são apresentadas “pelos procedimentos ou pelos componentes que lhe determinam o alcance, mas dificilmente pela pertinência em relação à área” (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p.8).

Isto pode ser observado, por exemplo, na noção de “classificação”, mais conceituada pelo procedimento e pelos instrumentos empregados, do que pela sua finalidade e natureza epistemológica em relação à área da Biblioteconomia, Documentação ou Ciência da Informação.

#### *Noções da área, semi-elaboradas*

Recorrentes, estas noções designam termos cujas concepções apontam uma significativa variação. Inúmeras vezes, estas noções são apresentadas na literatura conjugando vários significados ou abordagens, mas a distinção não evidencia matrizes teóricas ou tradições diferenciadas, e sim, a existência interposta de uma multiplicidade

de visões. As autoras incluem nesta categoria noções como “necessidade de informação”, (que não examinam as distinções entre necessidade, demanda e desejo), “análise”, “estratégia de busca” e “recuperação da informação”.

#### *Noções tomadas de empréstimo de outras áreas do conhecimento*

Esta classe compreende termos “importados” ou “migrados” de outros domínios do conhecimento e que não são ajustados para a área da Ciência da Informação, o que pode ser notado na noção de “base de dados”. Para as pesquisadoras:

o fenômeno da importação terminológica, muito frequente em Ciência da Informação, aponta para uma área que mantém interfaces bastante próximas com uma diversidade de outras áreas do conhecimento, mas também permite refletir sobre as razões da ausência de “exportações” de termos da Ciência da Informação para as outras áreas (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p.8).

Pela perspectiva das autoras, o elevado número de “noções emprestadas” indica a existência de uma “interdisciplinaridade formal”, que não retrata uma “interdisciplinaridade real” e sim um “empréstimo” de termos de outros campos sem que os mesmos se submetam a uma adaptação, ou ressignificação para os intentos da área.

#### *3.1.4 - Noções da experiência empírica comum*

Nesta categoria estão abarcadas noções que se fixam de forma totalmente empírica e não configuram uma terminologia própria da área. A figurar nesta classe está o termo “livro”, usualmente descrito como:

um conjunto de páginas impressas, ligadas entre si, contendo no mínimo 49 páginas. A função do livro para a área, como suporte de informação, não é destacada, não se dispendo de conceitos distintivos do livro para a área da Ciência da Informação. Quando as definições do "livro" vão além de sua materialidade, inscrevem o mesmo na lista dos objetos sagrados, dignos de culto, permanecendo a indistinção do termo no que diz respeito à sua inserção na área. (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p.10)

Nesta categoria está incluído, por exemplo, o conceito de mediação que abarca, no campo, propriedades/processos demasiado distintos entre si, compreendendo desde as tradicionais formulações de “atendimento ao usuário”, atravessando o ofício de um agente cultural em instituições (museu, biblioteca, arquivo, centro cultural), perpassando

os produtos destinados à inserção do público nos espaços de informações, de artefatos culturais e compartilhamento de experiências até à elaboração de políticas que visem o acesso e capacitação para manejo de tecnologias de informação e comunicação (Martins, 2010)

#### **4 CONCLUSÕES**

As expressões linguísticas são empregadas de multifárias maneiras, sendo a elas delegada a finalidade de nos permitir conhecer a proposição, a ideia, ou seja, a realidade objetiva a que se refere o conceito. Contudo, o equívoco que nos afasta das expressões de ideias claras e distintas nas Ciências Sociais não provém de uma carência da linguagem (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p 10). Isto porque não se pode retirar de tais expressões a “contingência, o processo histórico e a realidade social; de modo geral a possibilidade de diversas interpretações, em sua maioria baseadas num recurso à experiência” (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p 10).

Desse modo, a migração de conceitos pode implicar em controvérsias, contradições e equívocos que acabam por alocar determinados termos em uma “nebulosa”, dificultando a sua apreensão e sua localização ou até mesmo diluindo sua especificidade.

A Ciência da Informação é marcada pela escassez de uma linguagem genuína de especialidade. Os termos utilizados pelo campo usualmente não designam conceitos e sim remetem: a) a procedimentos da prática, b) a instrumentos que regulamentam as aplicações; c) a outras áreas do conhecimento. Estes são indícios que levam a crer a inexistência de um sistema conceitual elaborado na Ciência da Informação, o que indica certa fragilidade conceitual, e, portanto, epistemológica (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003).

Outro ponto que merece atenção diz respeito à necessidade de delimitação do objeto informação para a incorporação de expressões tais como transferência da informação, acesso à informação, mediação da informação. Além disso, o cuidado com a terminologia do campo merece atenção na medida em que ela:

reúne uma série de unidades lexicais, mas não permite entrever o sistema conceitual que deveria conferir um estatuto epistemológico à área . A fragmentação conceitual, o recurso constante a terminologias de outras áreas,

a ausência de projeto de consolidação acabam retardando o desenvolvimento da área (Smit, Tálamo, Kobashi, 2003, p 15).

A ausência de reflexão conceitual pode incorrer na confusão da mera incorporação de conceitos, teorias e métodos de determinada disciplina com a prática interdisciplinar.

Nas ciências, de modo geral, o risco da ausência de reflexões que sustentem a transposição e aplicação de conceitos é o de incorrer em aplicações impertinentes, como a migração de categorias provenientes de processos históricos para contextos a-históricos. Elucidando este inconveniente, Foladori (2001) pondera a respeito do uso do conceito de escravidão, referindo à forma de organização social das formigas. Para ele “se a escravidão é um conceito histórico (portanto, social), não poderia explicar relações entre outros seres vivos, como as formigas” (FOLADORI, 2001, p.111). Esta é uma ocorrência em que a utilização de um conceito é feito fora de seu contexto de produção, de modo metafórico, na ausência de um termo que exprimisse as relações sociais das formigas.

Na busca por uma explicação, a metáfora de escravidão pode ser, neste caso, pertinente, entretanto o peso ideológico adensado ao mesmo, por suas origens, pode suscitar interpretações que já não se referem a uma crítica científica da teorização, mas a uma crítica ideológica: os riscos de que a escravidão venha a ser considerada como um comportamento natural e geneticamente determinado em todos os seres vivos, incluindo as formigas e a espécie humana.

De modo semelhante acontece com o termo população que, proveniente do latim *populus*, denotando do ponto de vista político, ético e moral, povo, passou a ser utilizado em outro sentido com o desenvolvimento do Estado Nacional Moderno e com sua posterior incorporação pela Biologia, onde começa a gozar de um significado estatístico e despolitizado.

Para Marteleto (2007) ao vislumbramos o campo de estudos da informação como configurado por um caráter inter e transdisciplinar precisamos ter em vista a lógica e a visão de realidade de cada disciplina da qual são apropriados os referenciais, os métodos e os conceitos. “É preciso lembrar [...] que quando um conceito é retirado do seu discurso original e caminha por outros campos de conhecimento, ele perde os elos fundamentais e a precisão contextual e epistemológica que o definiam” (Marteleto, 2007, p. 13).

Com relação a este procedimento adverte a autora:

é relevante, assim, cuidar da migração de conceitos, fazer o recorte preciso e situado do seu emprego, cuidando ainda para não esvaziá-lo dos seus significados de origem, sem os quais ele perderia seu poder interpretativo ao serem inseridos em outro campo disciplinar (Marteleto, 2007, p. 14)

Isto indica, portanto, a necessidade perene da releitura do conceito apropriado para que o mesmo possa operar de modo factível em um novo sistema conceitual que o mesmo ajuda a (re) elaborar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido. **O campo da ciência da informação**: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil. 2005. 395f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2005

ANDALÉCIO, Aleixina Maria Lopes. **Informação, conhecimento e transdisciplinaridade**: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica. 2009. 278 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

ARAÚJO, Inesita Soares de. Contextos, mediações e produções de sentidos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p.42-50, set. 2009. Disponível em < <http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/280/324>> Acesso em: 18 de novembro de 2009.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene de. Transdisciplinaridade nas ciências: o lugar da Ciência da Informação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDO DA COMPLEXIDADE - EBEC, 1, 2005, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba, PR: PUC. 2005. p.1-10.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In.: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

DOMINGUES, Ivan et al. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: IEAT/Editora UFMG, 2001a, p.7-12.

DOMINGUES, Ivan. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade II**: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005a, p.9-14.

DOMINGUES, Ivan. et al. Um novo olhar sobre o conhecimento. In: DOMINGUES, Ivan (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001b. p. 13-27.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; BRUNO, Pedro Paulo Costallt. Ciência da Informação e oportunidade de diálogo intertemático: onde nem tudo é relativo e nem (absolutamente) racional. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 28-39, jan./jun. 2003.

FOLADORI, Guillermo. Una tipología del pensamiento ambientalista. In: PIERRI, N; FOLADORI, G. **¿Sustentabilidad?** Desacuerdos sobre el desarrollo sustentable. Montevideo: Trabajo y capital, 2001, p 81-128.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. Construção de conceitos no campo da Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 46-52, jan./abr. 1998.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **Datagramazero - Revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago01/Art\\_04.htm](http://www.dgz.org.br/ago01/Art_04.htm)>. Acesso em: 20 fev 2013

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1976.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3a. ed. rev. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

MARI, Hugo. Metáfora, metonímia, denotação e conotação: a propósito da migração de conceitos. In: DOMINGUES, Ivan. **Conhecimento e transdisciplinaridade II**: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.101-136.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Disponível em <http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/cienciaInformacao/informacaoContemporaneidade.pdf>

MARTELETO, Regina Maria. Representações acerca do conhecimento, comunicação e informação na sociedade. **Rev. Assoc. Saúde Pública Piauí**, Teresina, v. 2, n. 2, p. 149-162, jul./dez. 1999.

MENDONÇA, Nadir. **O uso dos conceitos**: uma questão de interdisciplinaridade. Petrópolis: Vozes, 1983.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MUELLER, Suzana P. M; MIRANDA, Antônio; SUAIDEN, Emir. O estado da arte da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: análises dos trabalhos apresentados no ENANCIB 4. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23/24, p. 293-308, n. especial, 1999/2000.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

OLIVEIRA FILHO, J. J. Patologia e regras metodológicas. **Revista de Estudos Avançados** – USP, v. 9, n. 23, p. 263-268, São Paulo, 1995

OLIVEIRA, Marlene de(Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaço de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 45-60.

ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. (Org.). **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal: Editora Universitária da UFRN/EDUFRN, 2006, p. 111-141.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004. 119p.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SHERA, J. H. Epistemologia Social, Semântica e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v.6, n.1,p.9-12, 1977.

SILVA, Evando Mirra de Paula. Os caminhos da transdisciplinaridade. In: DOMINGUES, Ivan. (Org.). **Conhecimento e transdisciplinaridade**. Belo Horizonte: IEAT/Editora da UFMG, 2001. p. 35-43.

SMIT, Johanna; TÁLAMO, M. F. G. M.; KOBASHI, Nair Yumiko. A determinação do campo científico da Ciência da Informação: uma abordagem terminológica. **Datagrama**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1, fev. 2003.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. **Interdisciplinaridade e significação na construção dos saberes**. Colóquio Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informações, Rio de Janeiro. 2008. p.125- 136.

TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Produção de conhecimento, interdisciplinaridade e estruturalismo. **Revista eletrônica de Comunicação e Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, n.3, p.120-127, set. 2009.

---